

Jornal: Tribuna Independente

Data: 15/08/2019 Página: 6 Editoria: Opinião

TRIBUNA
INDEPENDENTE
site: tribunahoje.com

OPINIÃO

Bem ali tem um canal



**ÁLVARO
MENEZES**

Engenheiro civil e
consultor em Saneamento

Em 1994, na campanha para o Governo do Estado, o então candidato Divaldo Suruagy foi com o Deputado Federal Albérico Cordeiro, fazer uma visita às obras do canal do sertão de Alagoas. Tive a honra de participar da comitiva técnica organizada pelo então presidente do Crea/AL, engenheiro Silvino Bentes, que reuniu profissionais como o professor Abel Tenório e os engenheiros Aloísio Ferreira, Josué Palmeira e Marcos Carnaúba, entre outros poucos nomes dos quais agora não lembro. Uma visita histórica, pois o canal, projeto do engenheiro Wellington Coimbra Lou, mal tomara forma, mas já era uma certeza esperançosa de dias melhores para o Estado em termos de segurança hídrica.

Na prática o que se viu foram alguns metros de terreno raspado por uma motoniveladora, um canteiro de obras e a constatação de que havia um grande desafio a vencer. Em razão da mobilização técnica da época e do interesse do já eleito Governador Divaldo Suruagy, em meados de junho de 1995, o próprio Go-

vernador participou ativamente de uma grande reunião na Ufal-Universidade Federal de Alagoas onde se discutiu como tornar realidade a obra do canal e uma das decisões prudentes e racionais da ocasião, foi transferir para a Codevasf o comando do projeto e demais estudos que indicassem a viabilidade técnica, social e econômica da grandiosa obra. Isso foi feito, no ritmo dos serviços públicos e em 2002 foi apresentado o Estudo de Sustentabilidade do Projeto Canal do Sertão Alagoano, elaborado sob a coordenação da Codevasf.

Este documento, por si só, seria um importante elemento para fazer do canal um equipamento hídrico ao invés de uma obra, o que de fato ele é, infelizmente. Desde 1999, no Governo Ronaldo Lessa, acelerando-se no Governo de Teotônio Vilela e seguindo até hoje, no Governo Renan Filho, todos os esforços são para fazer a obra. Apesar de não parecer, esta é a parte mais simples, pois havendo um projeto, dinheiro e uma boa empresa de engenharia, a obra está feita.

Tanto é assim que, mesmo a passos de gestão pública, o canal teve etapas concluídas em 2013 e 2015, devendo ter mais obras entregues este ano. Porém, o canal tendo hoje quase 120 km prontos, para uma pessoa que o visse agora poderia ter a sensação de que ele é uma obra

largada no sertão, é mais um problema que uma solução.

O pior, é que a síndrome dos diagnósticos e planejamentos se aplica bem. Há diagnósticos sobre a situação e há planos, entretanto falta execução dos mesmos. O canal, como equipamento hídrico é algo largado, pois não existe gestão dele como um empreendimento social, econômico e ambiental. Não é produtivo considerar a Semarh -Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos como sua gestora, pois esta é uma entidade normativa, nem tampouco seria a Seinfra -Secretaria de Infraestrutura posto que esta cuida de obras.

A Casal, no seu modelo atual ou migrada para a versão BNDES, também não parece ser o caminho natural posto que é usuária. Piora ainda a situação quando se sabe que há anos se busca um modelo para copiar do Ceará, da Espanha, de Israel ou da Califórnia, o que com certeza não dará bons resultados porque a gestão sendo alagoana, precisa de um modelo local. Conhecer exemplos é fundamental e agrega aprendizados, copiar nem sempre dá certo.

Assim, com o que já se tem e se sabe, já passa da hora de ter alguém gerenciando o canal, pois os riscos à obra e aos seus nobres e necessários objetivos se elevam a cada dia que passa.